



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

CRISE E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO BRASIL:

impactos e transformações no mundo do trabalho

Cláudia Maria da Costa Gomes

claudiac_gomes@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

BRASIL

Clívia Alves de Moraes Lira

cliviamlira@gmail.com

Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

BRASIL

Jéssica Juliana Batista da Silva

jessicajbs89@gmail.com

Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

BRASIL

Patrícia Soares Grimaldi

patigrimaldi@hotmail.com

Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

BRASIL



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Este trabalho é resultado dos estudos e pesquisas realizados na pós-graduação em Serviço Social, financiado pela Capes/CNPq/UFPB. Trata-se das análises do capitalismo mundial e a crise que afeta esse sistema no último quartel do século XX. Segundo Harvey (2011), esta é uma crise estrutural, pois afetou todas as dimensões do cotidiano: econômica, política, social, cultural e ideológica. Atingiu todos os países do globo, em razão do capitalismo mundializado, não se limitando a um espaço-tempo específico, ao contrário, vem se reproduzindo há mais de trinta anos. A burguesia, no sentido de retomada do crescimento econômico e das taxas de lucro, opera uma radical ofensiva sobre o trabalho, colocando em prática a “Reestruturação Produtiva” articulada ao projeto neoliberal, instaurando um novo padrão de acumulação, o qual Harvey (2005) denomina de “acumulação flexível”. Nossa proposta visa discutir seus impactos no âmbito da produção calcado no modelo toyotista. Sob este modelo, o mundo do trabalho passa por profundas transformações, tanto do ponto de vista da produção, seja nas formas de contratação e gestão do trabalho, quanto nas formas de organização dos trabalhadores, que têm seus direitos solapados. No Brasil, este passou a dar seus primeiros sinais de adesão nos anos 1980, visto a necessidade de adequação do país ao capitalismo mundial. No que tange ao projeto neoliberal, Netto (2012) afirma que este está calcado na tríade flexibilização, desregulamentação e privatização. Como resultados parciais desse estudo, as análises bibliográficas indicam alguns aspectos, como: a flexibilização da produção e das relações/legislações trabalhistas, desregulamentação das relações comerciais e dos circuitos financeiros, e privatização do patrimônio estatal. Ademais, aspectos desse modelo são: a incorporação da microeletrônica, o enxugamento dos níveis hierárquicos e as terceirizações, indicando uma tendência à baixa qualificação, precarização do trabalho, das relações de emprego e salário e em consequência, instabilidade aos trabalhadores. Esta estratégia que tem causado impactos em escala mundial à classe trabalhadora, estruturando-se também o fenômeno dos trabalhos temporários, subcontratados (ANTUNES, 2006). O trabalhador deve adaptar-se a essa nova empresa que lhe demanda polivalência – a capacidade de realizar várias funções, a criatividade, a capacidade de tomar decisões, o trabalho em equipe. Esse processo de alienação faz com que os trabalhadores contratados se tornem parceiros ou colaboradores, supostamente situados no mesmo nível dos proprietários dos meios de produção. Portanto, os seus impactos se dão não só no âmbito da produção, mas a reprodução dos trabalhadores também sofre ataques. Esta lógica articulada ao neoliberalismo prevê a desarticulação dos trabalhadores e ao aniquilar a perspectiva classista que orienta suas ações, eles passam a não se reconhecer como classe, reproduzindo o individualismo exacerbado. Tal perspectiva encontra eco na ideologia da pós-modernidade, onde se tem a impossibilidade de mudanças e o imperativo de aceitação passiva do atual *status quo*.

Palavras-chave: Crise Estrutural; Acumulação Flexível; Mundo do Trabalho.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This work is the result of studies and research carried out in post-graduation courses in Social Work, funded by Capes/CNPq/UFPB. These are the analyzes of world capitalism and the crisis that affects this system in the last quarter of the twentieth century. According to Harvey (2011), this is a structural crisis because it has affected all dimensions of daily life: economic, political, social, cultural and ideological. It has reached all the countries of the globe, because of globalized capitalism, not limited to a specific space-time, on the contrary, has been reproducing for more than thirty years. The bourgeoisie, in the sense of resuming economic growth and profit rates, operates a radical offensive on labor, putting into practice the "Productive Restructuring" articulated to the neoliberal project, establishing a new pattern of accumulation, which Harvey (2005) called "flexible accumulation". Our proposal aims to discuss its impacts within the framework of production based on the toyotista model. Under this model, the world of work undergoes profound transformations, both from the point of view of production, in the forms of hiring and management of labor, and in the forms of organization of workers, who have their rights undermined. In Brazil, it began to give its first signs of adhesion in the 1980s, given the need to adapt the country to world capitalism. Regarding the neoliberal project, Netto (2012) states that this is based on the triad flexibilization, deregulation and privatization. As partial results of this study, the bibliographic analyzes indicate some aspects, such as: flexibilization of production and labor relations / legislation, deregulation of trade relations and financial circuits, and privatization of state assets. In addition, aspects of this model are: the incorporation of microelectronics, the reduction of hierarchical levels and outsourcing, indicating a tendency to low qualification, precariousness of work, employment and wage relations and, consequently, instability to workers. This strategy has caused a global impact on the working class, also structuring the phenomenon of temporary, subcontracted jobs (ANTUNES, 2006). The worker must adapt to this new company that demands polyvalence - the ability to perform various functions, creativity, ability to make decisions, teamwork. This process of alienation causes the contract workers to become partners or collaborators, supposedly situated at the same level as the owners of the means of production. Therefore, their impact is not only on the production side, but the reproduction of workers is also under attack. This logic, which is articulated to neoliberalism, foresees the disarticulation of the workers and by annihilating the classist perspective that guides their actions, they are not recognized as class, reproducing the exacerbated individualism. This perspective is echoed in the ideology of postmodernity, where one has the impossibility of change and the imperative of passive acceptance of the current status quo.

Keywords: Structural crisis; Flexible Accumulation; World of Work.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

O presente artigo tem por objetivo o desenvolvimento de uma breve análise acerca das consequências da crise estrutural do capital para o mundo do trabalho. O resultado aqui exposto é fruto das discussões realizadas no âmbito do mestrado acadêmico em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e compõe o quadro teórico-metodológico de referência para as pesquisas das autoras. Longe de se apresentar como um resultado final, o trabalho que por ora apresentamos é fruto de investigação em curso, que integra a fundamentação teórica dos trabalhos conclusivos de dissertação dessas autoras.

A partir da delimitação dos objetos de estudos das pesquisadoras, i) a terceirização no Brasil, ii) o trabalho no telemarketing e iii) a precarização do trabalho docente nas universidades federais brasileiras, tem-se o entendimento de que as mudanças gerais sobre o mundo do trabalho advindas com a crise estrutural do capital constituem-se como ponto de partida.

Nesse sentido, tendo como ponto de partida comum o mundo do trabalho no contexto de crise estrutural do capital, o presente trabalho é fruto de esforço coletivo das autoras para apreender as mudanças em curso. Tem como objetivo a caracterização mais geral acerca da crise estrutural do capital, a análise das estratégias empreendidas pela burguesia no enfrentamento dessa crise e, no plano mais específico, as mudanças operadas sobre o mundo do trabalho em decorrência dessa conjuntura.

Parte-se do pressuposto de que as crises são constitutivas do modo de produção capitalista (MPC) sendo, portanto, inelimináveis. São resultados de suas contradições próprias e, representam, fundamentalmente, o choque máximo entre produção socializada e a apropriação privada. Pela natureza paradoxal do sistema sociometabólico do capital e pela inerência das crises à sua lógica, infere-se que estas são, de alguma forma, funcionais a sua lógica. Abrem um momento de ruptura que permite dois caminhos: i) o início de um novo ciclo econômico e a restauração da lógica de acumulação; ou ii) a abertura de um momento revolucionário, com possibilidades de construção de uma ordem radicalmente diferente.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Conforme ratifica Mota (2009, p.3), “por ocasião das crises, deflagra-se um processo no qual mudanças significativas ocorrem, sejam elas no interior da ordem, seja em direção a um processo revolucionário, dependendo das condições objetivas e das forças sociais em confronto”.

A história revela que os períodos pós-crise têm significado a abertura de novos ciclos econômicos, sendo restaurado o padrão de acumulação, ainda que em diferentes níveis. Segundo Netto e Braz (2011, p.172) “as crises são funcionais ao MPC: constituem os mecanismos mediante os quais o MPC restaura, sempre em níveis mais complexos e instáveis, as condições necessárias a sua continuidade”.

A crise que eclode no início dos anos setenta do século XX, como uma crise clássica de superprodução, revela esse choque entre produção socializada e apropriação privada. E, novamente, como uma crise clássica, abre um período de ruptura com os anos precedentes. Como particularidade dessa crise, há uma ruptura com o padrão fordista de produção e como o Estado de bem-estar social que lhe dava sustentação.

O mundo do trabalho passa por profundas modificações no último quartel do século XX em decorrência da crise estrutural do capital. Segundo Mészáros (2011), essa crise tem consequências destrutivas para a totalidade da vida humana – em especial àqueles que vivem da venda de sua força de trabalho –, para a natureza e para o próprio sistema sociometabólico do capital. Ela atinge a totalidade dos países do globo – tendo início nos países centrais, mas se alastrando para os países periféricos – e tem impactos sobre todas as esferas da vida social: economia, política, cultura e ideologia.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/conceitual

O último quarto do século XX é marcado pela mais profunda crise estrutural do capital, atingindo, segundo Mészáros (2000), a totalidade da humanidade e todos os âmbitos da vida social: economia, política, cultura, ideologia e organização dos trabalhadores. Longe de se apresentar como uma fatalidade, as crises decorrem da própria dinâmica do modo de produção capitalista que, ao priorizar a extração de mais-valia em detrimento das necessidades humanas gera contradições intransponíveis na sua estrutura.

Por sua lógica contraditória e eminentemente destrutiva¹, são inerentes ao seu sociometabolismo as crises e, conseqüentemente, diversas são as (re)formulações de estratégias para superação deste quadro no sentido de recompor os níveis de acumulação, bem como retomar a hegemonia burguesa, garantindo assim a reprodução do capitalismo.

A crise que por ora se apresenta decorre do exaurimento do padrão fordista-keynesiano, levado a cabo pelos países de capitalismo central no pós-segunda guerra mundial até meados da década de sessenta. Segundo Behring e Boschetti (2010), o quadro de crise foi propiciado pela articulação de vários fatores, dentre os quais: as crises clássicas de superprodução; contenção brusca dos rendimentos tecnológicos; crise social e política dos países imperialistas, maior organização dos trabalhadores em função do início das políticas de austeridade e crise de credibilidade do capitalismo. Posto isso, observam que

A própria lógica do crescimento cria empecilhos no momento subsequente: a situação keynesiana de “pleno emprego” dos fatores de produção, incorporando grandes contingentes de força de trabalho - diminuindo, em consequência, o exército industrial de reserva -, dificultou o aumento da extração de mais-valia, com a ampliação do poder político dos trabalhadores e maior resistência à exploração; e a generalização tecnológica diminuiu o diferencial de produtividade. Esses são processos que implicaram a queda da taxa de lucro (BEHRING e BOCHETTI, 2010, p.118).

¹ Segundo Harvey (2005), o capitalismo é eminentemente destrutivo, pois em sua essência e na medida em que se desenvolve destrói a humanidade (mesmo que nesta resida sua fonte de valor), destrói a natureza de maneira ampla e, por fim, destrói a si mesmo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Antunes (2009) afirma que são traços evidentes de que o capitalismo está em crise: 1) a queda da taxa de lucro, em razão do aumento do preço da força de trabalho, conquista do período precedente; 2) o esgotamento do padrão taylorista/ fordista de produção em razão da retração do consumo decorrente da ampliação do desemprego estrutural; 3) a crise do “Estado de bem-estar social”, decorrente de uma suposta crise fiscal do Estado (ANTUNES, 2009).

O modelo taylorista/ fordista, sustentado pelo Estado intervencionista keynesiano, começa a demonstrar sinais de esgotamento em fins dos anos sessenta e início dos anos setenta do século XX. É nessa conjuntura de queda da taxa de lucro e diante da necessidade de reproduzir sua hegemonia que a burguesia empreende uma reação que tem como núcleo central um frontal ataque aos trabalhadores.

O movimento da burguesia para reagir à crise do capital, e que perdura até os dias atuais, tem, segundo Harvey (2008), como pilares (i) a reestruturação produtiva, baseada na acumulação flexível, (ii) a financeirização da economia, (iii) a adoção do projeto neoliberal e (iv) a reconfiguração do papel do Estado.

No plano produtivo, a burguesia empreende um processo de reestruturação da produção. Em substituição à rigidez do fordismo-taylorismo desenvolve-se o modelo de acumulação flexível, que conforme Harvey (2008) é baseado na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo.

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (tais como a “Terceira Itália”, Flandres, os vários vales e gargantas de silício, para não falar da vasta profusão de atividades dos países recém-industrializados). Ela também envolve um novo movimento que chamarei de “compressão do espaço-tempo” (ver Parte III) no mundo capitalista – os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado (HARVEY, 2008, p.140).

Em substituição à rigidez do modelo de produção em massa para o consumo em massa, implanta-se uma estrutura produtiva capaz de atender às necessidades do capitalismo na atual etapa, ou seja, uma estrutura flexível baseada no modelo toyotista.

Associada a reestruturação da produção empreende-se um amplo processo de financeirização da economia sustentado na mundialização do capital. O mercado futuro se desenvolve passando a gerar lucros – fictícios – desvinculados da base produtiva (esse foi o principal elemento que desencadeou a crise do setor imobiliário nos EUA em 2007/2008).

No plano da reprodução social impõe-se o projeto neoliberal que tem como diretriz precípua a diminuição do papel do Estado no provimento do social e a maximização do mercado enquanto regulador da vida social. Segundo Harvey (2005),

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas; o Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, da política e legais requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados. Além disso, se não existirem mercados (em áreas como a terra, a água, a instrução, o cuidado de saúde, a segurança social ou a poluição ambiental), estes devem ser criados, se necessário pela ação do Estado. Mas o Estado não deve aventurar-se para além dessas tarefas. As intervenções do Estado nos mercados (uma vez criados) devem ser mantidas num nível mínimo, porque, de acordo com a teoria, o Estado possivelmente não possui informações suficientes para entender devidamente os sinais do mercado (preços) e porque poderosos grupos de interesse vão inevitavelmente distorcer e viciar as intervenções do Estado (particularmente nas democracias) em seu próprio benefício (HARVEY, 2005, p.12).

Articulado à reconfiguração do papel do Estado, o objetivo do projeto neoliberal é a autonomização da esfera do mercado, fazendo com que esta passe a regular a vida social. Ademais,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

os critérios norteadores são os mercadológicos, orientados por valores de eficiência e eficácia, de produtividade e resultados.

Esses quatro pilares têm um ponto em comum: colocam na ordem do dia a intensificação da exploração e a precarização da força de trabalho. Sendo a precariedade uma determinação histórico-social do trabalho sob o modo de produção capitalista, a precarização é um elemento novo, um traço evidente do sociometabolismo do capital no período de acumulação flexível.

Segundo Alves (2014), Antunes (2009; 2011), existe um processo de precarização que atinge a totalidade do mundo do trabalho hoje. Na sociedade capitalista, a precariedade apresenta-se como uma condição inerente ao trabalho. Porém, no pós-crise estrutural de 1970 esta precariedade adquire novos contornos, com características de precarização. Entender a categoria precarização é condição precípua para entender os processos a que estão submetidos os trabalhadores na contemporaneidade.

A precarização, longe de ser restrita ao âmbito da produção, afeta a totalidade da força de trabalho no período de acumulação flexível. Ultrapassa as fronteiras da produção, adentrando nas atividades laborais que se ocupam da reprodução da sociedade capitalista. Exemplo evidente é o crescimento do setor de serviços que incorpora a flexibilidade e a terceirização como elementos próprios de sua lógica. Mesmo atividades laborais que antes eram consideradas estáveis e permitiam certa segurança aos seus trabalhadores, hoje são inflexionadas pelos processos de precarização.

O processo de precarização do mundo do trabalho está articulado a outras categorias e questões que dão suporte a esse movimento. Identificamos três questões centrais desenvolvidas quando a pauta do trabalho está em discussão. Primeiro, no atual estágio de desenvolvimento capitalista é possível falar em intensificação do trabalho, principalmente a partir da introdução das novas tecnologias, que atuam como mecanismos poupadores de mão-de-obra e contribuem para intensificar o ritmo de produtividade do trabalho.

O segundo movimento a ser observado é o de desregulamentação do trabalho. Ou seja, no modelo de acumulação flexível não só o processo de trabalho deve ser flexível, mas as legislações devem ser flexibilizadas objetivando uma redução dos custos com o trabalho. É o que temos observado, por exemplo, na proposta de terceirização total, ou, como trabalha Vasapollo (2005) ao analisar o mercado de trabalho na Itália, nas novas formas de trabalho atípico que se materializam



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

no trabalho do tipo interino/temporário, na redução dos horários de trabalho e trabalho de tempo parcial, nos trabalhos relacionados aos contratos de formação, nas bolsas de trabalho, nos contratos de aprendizagem (menor e jovem-aprendiz), no trabalho por chamada, trabalho acessório, trabalho compartilhado, trabalho por meio período, etc. Ademais, essa desregulamentação é observada também nos ataques à Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) no Brasil, influenciando o direito a férias, ao 13º salário, e, principalmente, nos requisitos para aposentadoria.

Por fim, o terceiro movimento refere-se ao processo de auto-organização. No capitalismo flexível e neoliberal o ataque ao movimento organizado dos trabalhadores é a lei. Este ataque articula processos de repressão direta com a proposta de consenso aparente, difundido, prioritariamente, pela cultura. O individualismo exacerbado, a concorrência desmedida entre os trabalhadores e o ataque progressivo as organizações clássicas como sindicatos e partidos, articulados aos processos de cooptação dos trabalhadores causam profundas inflexões na organização da resistência. Somado a isso tem-se a descrença na possibilidade de transformação, potencializada com o esgotamento do socialismo real e com a generalização do capitalismo enquanto sistema global.

Estes três processos, intensificação do trabalho, desregulamentação da legislação e auto-organização dos trabalhadores, integram a categoria precarização.

III. Metodologia

O referencial teórico por nós adotado tem por base o materialismo histórico dialético, que define como teoria “a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa” (NETTO, 2011, p. 21). Nesse sentido, a adoção desse método se dá pelo privilégio do recurso à categoria totalidade, que parte da aparência visando alcançar a essência do objeto (NETTO, 2011, p. 22).

Tem-se como ponto de partida a análise da base material da sociedade, ou seja, a maneira pela qual os homens e mulheres se organizam para produzir, a partir do trabalho, é reveladora do objeto que nos propomos a desvendar. Esse não se abstém da subjetividade, porém, considera a materialidade como determinante, em última análise.

Nesse sentido, o método afirma-se enquanto histórico, pois parte da forma de organização dos homens e mulheres na sociedade de acordo com os períodos que se desenvolvem, no caso de Marx, a análise da sociedade burguesa.

Não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco [d]os homens pensados, imaginados ou representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos [...], do seu processo de vida real. (MARX; ENGELS, 2007 apud NETTO, 2011, p.30)

Para essa compreensão é precípuo a noção de processos, “de que não se pode conceber o mundo como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos” (MARX; ENGELS, 1963 apud NETTO, 2011, p.31).

E, principalmente, afirma-se enquanto dialético, pois privilegia as contradições presentes na sociedade. Tal método de investigação parte da aparência dos fenômenos e, a partir de definições categoriais e de aproximações sucessivas com o movimento do real, procura apreender a essência dos destes, utilizando-se do processo de tese – antítese – síntese.

O estudo em questão tem por objetivo geral analisar os impactos da crise estrutural do capital sobre o mundo do trabalho. Para tal, foram delineados três objetivos específicos: i) apreender as características gerais e particulares da crise estrutural do capital do último quartel do século XX; ii)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pesquisar as estratégias da burguesia para o enfrentamento da crise; e iii) investigar as formas em que se materializa a precarização estrutural do trabalho nessa nova conjuntura.

Para atingir tais objetivos recorreremos à pesquisa bibliográfica e documental. No primeiro momento estudamos a crise em sua acepção geral, enquanto constitutiva do MPC. Pesquisamos as particularidades da crise da década de setenta, apreendendo seus detonadores e demonstrando o esgotamento do padrão fordista-keynesiano. As principais referências deste ponto são Harvey e Mészáros.

O segundo momento da pesquisa centrou-se na investigação acerca das estratégias da burguesia para enfrentamento da crise e da queda nos níveis de acumulação. Identificou-se, segundo Harvey (2008), que a reação burguesa se deu em quatro frentes: i) reestruturação produtiva, baseada na “acumulação flexível”; ii) financeirização da economia; iii) adoção do projeto neoliberal; e iv) reconfiguração do papel do Estado. Apesar de essas frentes não se constituírem de maneira independente, cada uma tem um traço que lhe torna particular, por isso sua abordagem de forma individual. O intuito desse segundo momento é compreender como a reação burguesa promove ataques frontais ao mundo do trabalho.

O terceiro e último momento da pesquisa objetivou articular as características da crise de setenta com a reação burguesa à crise e como estas questões se expressam sobre o trabalho propriamente dito. Nesse ponto o objetivo foi demonstrar como se expressa a precarização sobre a totalidade do mundo do trabalho.

IV. Análise e discussão de dados

O processo de reestruturação produtiva no Brasil assumiu características próprias, diferenciando-se dos países com economias desenvolvidas por apresentar um processo de industrialização dependente e tardio. De modo que, os rebatimentos no país se deram por meio de uma lógica que levou os trabalhadores a criarem meios de se manter nos seus postos de trabalho, ainda que, para isso precisassem se submeter a trabalhos desregulamentados e precarizados. Logo, como afirmam Mota e Amaral, a reestruturação produtiva é:

[...] expressão particular de um movimento internacional, marcado pela globalização e pela difusão do pensamento neoliberal e esta estratégia consolida-se no Brasil, como estruturadora de uma cultura moderna, tendo como principais vetores a competência e a eficiência do setor privado, a (des) responsabilização do Estado com a proteção do trabalho, a empregabilidade e as parcerias do capital com o trabalho, concretizando a difusão massiva de ideias e valores que reconceituam as reivindicações e conquistas históricas das classes trabalhadoras (MOTA; AMARAL, 2010, p. 35).

Na medida em que um sistema produtivo se modifica a tendência do capital é desvalorizar cada vez mais a força de trabalho como mercadoria. Esta transição de modelos de produção exige um processo de trabalho mais fragmentado, rotineiro e com intensa divisão social e técnica do trabalho.

O toyotismo estabelecido no Brasil nos anos 1990 se desenvolve mediante duas práticas de gestão do trabalho: qualidade total e terceirização (DRUCK, 2001), onde esta se caracteriza como uma das formas de externalização. A autora relata que esse fenômeno assume as formas de: contratos de trabalho em domicílio, de empresas e de serviços terceirizados.

Segundo Behring (2008) na realidade, nos anos 1990 estivemos frente a um processo de “[...] contra-reforma do Estado, que implicou um profundo retrocesso social, em benefício de poucos”. (p. 22). Nesse período houve contrarreformas no âmbito da previdência, do ensino superior, sindical e diversas privatizações de empresas estatais.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

É justamente em meio a esse ideário que a terceirização surge com maior afinco como uma saída para a administração pública, já que é nesse período que o Estado investe veementemente em serviços de terceiros como estratégia de corte de gastos. Conforme (ALVES, 2014):

Como Estado neoliberal é um Estado político corrompido pelas próprias condições da acumulação capitalista nas condições históricas do capitalismo global, que envolve cada vez mais o Estado nas estratégias de espoliação (acumulação por espoliação). Nas condições de crise de valorização, a transferência de renda para setores parasitários rentistas por meio do Estado neoliberal tornou-se crucial para o grande capital – nesse caso, o Estado neoliberal apresenta-se como verdadeira “máquina de sugar fundos públicos” (ALVES, 2014, p. 157).

Assim, o capitalismo ao mesmo tempo em que se desenvolve e fomenta novas formas de sociabilidade, ele também reedita velhas formas de ser. A ascensão do neoliberalismo dissemina, portanto o enxugamento do Estado que passa a atuar de acordo com os interesses do grande capital.

Nesses termos, a autora Graça Druck destaca o efeito de formação de “cascatas” de subcontratação (DRUCK, 2001, p. 126), as quais ocorrem quando as empresas contratadas pela empresa central passam a subcontratar outras empresas e outros trabalhadores. Neste movimento, um elemento que a autora chama atenção no que se refere à qualidade dos processos de trabalho, é a implantação de uma cultura de qualidade no interior das grandes empresas como umas das estratégias fundamentais.

Os trabalhadores, na tentativa de preservar seus empregos, interiorizam as diretrizes das empresas e buscam a maior produtividade e a racionalização do trabalho, contribuindo para o sucesso das empresas no mercado. Assim, os trabalhadores são cooptados a se envolver, construindo-se dessa forma um movimento de “cooperação forçada” (DRUCK, 2001, p. 127).

Esse novo padrão de organização do trabalho corrobora para uma lógica neoliberal e altera consideravelmente o MPC, tendo em vista que os trabalhadores precisam cada vez mais se adaptar as novas exigências e modalidades que o mercado de trabalho demanda. “No modo de produção capitalista o processo de trabalho transfigura-se em trabalho alienado, cuja finalidade é criar novas mercadorias para valorizar o capital, sendo assim, um meio de subsistência para o trabalhador” (ANTUNES, 2005, p. 69).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nesta condição no âmbito do processo de organização do trabalho a atividade produtiva é fragmentada e isolada “o processo de trabalho no capital guia-se pelo processo de valorização, ocorrendo uma inversão: são os meios que utilizam o operário e não o contrário” (ALVES, 2007, p. 39).

Nesse cenário, a terceirização aparece como estratégia fundamental de acumulação capitalista justamente por vir acompanhada de variadas formas de precarização do trabalho, as quais possibilitam subtrair dos trabalhadores o máximo possível através de longas jornadas de trabalho, desregulamentação de direitos, rotatividade nos postos de trabalho, salários menores e fragmentação das identidades coletivas.

Conforme a síntese dos dados recolhidos e analisados pelo Dieese (2014) referentes ao trabalho terceirizado no Brasil: A taxa de rotatividade descontada é duas vezes maior nas atividades tipicamente terceirizadas (57,7%, contra 28,8% nas atividades tipicamente contratantes); Nas atividades tipicamente terceirizadas, 44, 1% dos vínculos de trabalho foram contratados no mesmo ano, enquanto nas tipicamente contratantes, o percentual foi de 29,3%; Já 85,9% dos vínculos nas atividades tipicamente terceirizadas tinham jornada contratadas entre 41 e 44 horas semanais. Os salários pagos nas atividades tipicamente terceirizadas fora da região Sudeste eram menores, o que reforça as desigualdades regionais;O percentual de afastamentos por acidentes de trabalho típicos nas atividades tipicamente terceirizadas é maior do que nas atividades tipicamente contratantes 9,6% contra 6,1%; Os salários nas atividades tipicamente terceirizadas eram, em média, 23,4% menor do que nas atividades tipicamente contratantes (R\$ 2.011 contra R\$ 2.639).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusões

Constatamos que com o processo de reestruturação produtiva o modo de produção capitalista iniciou diversas transformações no cenário mundial e estabeleceu novas formas de organização do trabalho impelidos pela urgência de restaurar as taxas de lucro. A lógica de acumulação flexível expressa um processo de organização do trabalho fragmentado, precarizado, desregulamentado e terceirizado.

As contradições históricas do capitalismo periférico ressaltam a permanência de velhas estruturas econômicas e sociais no Brasil, as quais rebatem diretamente sobre a classe trabalhadora e para os trabalhadores terceirizados, como vimos, a situação é ainda mais grave, pois constitui uma modalidade de trabalho que não possui os mesmos direitos em matéria de proteção ao trabalho em relação aos trabalhadores contratados diretamente por uma empresa.

No Brasil os anos 1990 marcam o período em que o país tende a adequar-se à dinâmica mundial capitalista. E, no rol das iniciativas burguesas para recuperar as taxas de lucro, é produzido um frontal ataque ao trabalho, que se expressa no processo de trabalho propriamente dito, como também nas formas de organização dos trabalhadores.

O Brasil reproduz as formas de precarização do trabalho que podem ser novas ou retomar antigas. São exemplos a retomada do trabalho familiar, o trabalho por produtividade, por peças, o trabalho em domicílio, o trabalho por horas, etc. Questão evidente é o projeto de reforma trabalhista implementado no país, que teve por objetivo a flexibilização das normas de contratação, significando um retrocesso do ponto de vista da regulamentação do trabalho.

Ademais, uma particularidade latente do Brasil é o ataque às organizações dos trabalhadores. Não queremos afirmar que este foi um processo que ocorreu somente nesse país, visto que o ataque ao movimento organizado é uma diretriz precípua do capital sobre o trabalho. Porém, no início do século XXI esse processo se deu sob a liderança de um partido autointitulado dos trabalhadores. Promoveu-se uma ofensiva articulada aos movimentos dos trabalhadores, solapando a consciência



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de classe e as estratégias coletivas, fortalecendo o projeto pós-moderno que afirma o fim da sociedade e a impossibilidade de mudanças substantivas para além do capital.

Concluimos que o cenário é árduo para o conjunto dos trabalhadores. A precarização se manifesta na intensificação do trabalho, na desregulamentação de direitos trabalhistas e no ataque ao movimento auto-organizado dos trabalhadores. Porém, mesmo diante desta conjuntura, há a necessidade urgente de resistência, pois as barreiras impostas ao livre desenvolvimento do capital significam um freio, ou pelo menos uma diminuição de velocidade, na exploração desmedida do trabalho.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografia

ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios da sociologia do trabalho**. Londrina: Práxis, 2007.

ALVES, G. **Terceirização e capitalismo no Brasil: um par perfeito**. Revista do Tribunal Superior do Trabalho, v. 80, p. 90, 2014.

ALVES, G. **Trabalho e neodesenvolvimentismo: choque de capitalismo e nova degradação do trabalho no Brasil**. São Paulo: Práxis, 2014.

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2011. 15.ed.

BEHRING, R. E. **Brasil em contrarreforma: desestruturação do Estado e perda de direitos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. V. **Política Social: fundamentos e história**. 7.ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

DIEESE. **Terceirização e desenvolvimento: uma conta que não fecha**. CUT/DIEESE: São Paulo, 2014.

DRUCK, G. **(Des) fordizando a fábrica: um estudo do complexo petroquímico da Bahia**. São Paulo: Boitempo, 2001.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008.

HARVEY, D. **O Neoliberalismo: história e implicações**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005.

MOTA, A. E. (Org.); AMARAL, A. S. Reestruturação do capital, fragmentação do trabalho e serviço social. In: **A nova fábrica de consensos: ensaios sobre a reestruturação empresarial, o trabalho e as demandas ao serviço social**. São Paulo: Cortez, 2010.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social: Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-1964**. 16.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VASAPOLLO, L. **Trabalho atípico e a precariedade**. Trad. de Maria de Jesus Brito Leite. São Paulo: Expressão Popular, 2005.